

MÁQUINAS DE VER

Carlos Eduardo Albuquerque Miranda¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar e partilhar questões gestadas nos movimentos iniciais de projeto *Máquinas de Ver* para que compartilhar desafios das conexões cinema e educação.

Concebido para pensar as relações entre cinema e educação, *Máquinas de Ver* transita pela Arqueologia do Cinema para cartografar inventos, tramas e usos de aparelhos óticos que criam e captam imagens visuais. Opera, a partir daí, na confecção de interfaces, aparelhos óticos colocados entre o corpo e o mundo, na crença que estas fazem transitar memórias por entre afetos, percepções e pensamentos. Propõem oficinas de experimentações que possam afetar a trama da cultura visual que agencia cinema e espectador, considerados como máquinas que funcionam como re-cognição de imagens sob o registro da representação.

Palavras-chave: Educação; cinema; Deleuze.

Como começar?

Conectar Cinema, Arqueologia do Cinema e Educação. Como? Por quê? Funciona? Para que? Pensar conhecimentos e saberes da Arqueologia do Cinema em trabalhos com Cinema na Educação e produzir uma Educação Visual. Possível? Válido? Desejado?

Apresentar este projeto na forma de uma proposição, justificar esta proposição de forma causal e determinar seus objetivos e intencionalidades. Esta forma de pensar é um equívoco político. Este agenciamento de composições hierarquizantes de conteúdos é banal, embora possa vir a ser poderoso. E é perigoso.

Vamos começar de novo.

Mudar o registro da proposição. Propor como aquele que não sabe. Aquele que busca. Proceder por desmanche, atividade produtiva do ilegal e da infância, mas com vetores diferentes. O desmanche ilegal é daquele que sabe, o desmanche da criança é daquele que quer saber como funciona.

Proceder por desmanche é cortar, desmontar o cinema em múltiplos lugares, múltiplos procedimentos, atividades e constituições. Até mesmo em múltiplas instituições. Desmanchar o cinema é encontrar a câmera, a câmara escura, a lanterna mágica, o praxinoscópio, o taumatrópio, o zoopraxiscópio.

Proceder por desmanche é multiplicar. Desmanchar a educação para criar multiplicidades de educações. Encontrar a visualidade na educação. Não uma educação visual, pelo menos ainda não. Desmanchar para encontrar o ver, encontrar o ver na educação. E, por sua vez, desmanchar o ver na educação. Desta vez para encontrar o olho e sair dele. Desmanchar a especialização do ver. Fazer a educação ir em direção ao corpo-máquina que vê.

Mais uma vez, começar de novo.

Máquinas de Ver deseja um canteiro de obras. Está atento a repreenda de Benjamin (...) de que o pedantismo dos pedagogos, sobre a produção de objetos que devem servir às crianças, é estúpido. Concorda com ele que a obsessão dos pedagogos pela psicologia impede-os de perceber que a terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das

¹ Mestre e doutor, Professor da FE – UNICAMP. E-mail: ceamiranda@gmail.com.

crianças. Para Benjamin as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se de maneira visível:

Elas [as crianças] sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nestes restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas. Nestes restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que cria em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. (...) Dever-se-ia ter sempre em mente as normas deste pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente e não se prefere deixar que a própria atividade – com todos os seus requisitos e instrumento – encontre por si mesma o caminho até elas. (BENJAMIN, 1984, p. 77-78).

Mas, onde estão os canteiros de obras? Migraram. Estão nas interfaces. Membranas. *A identidade do mundo e do cérebro, o autômato, não forma um todo, antes um limite uma membrana que põe em contato o fora e o dentro, torna-os presente um ao outro, os confronta ou enfrenta. (Deleuze, 1990)*

Máquina de ver deseja um cinema que tenha o poder de restituir a crença no mundo de um cinema que vá a busca de filmar, não o mundo, mas a crença no mundo. É este o poder do cinema moderno para Deleuze. O fato moderno é que não acreditamos neste mundo, nem mesmo nos acontecimentos que nos acontecem:

É o vínculo do homem com o mundo que se rompeu. Por isso, é o vínculo que deve se tornar objeto de crença: ele é o impossível, mas só pode ser restituído por uma fé. A crença já não se dirige mais a outro mundo, ou ao mundo transformado. O homem está no mundo como uma situação ótica pura. A reação da qual o homem está privado só pode ser restituída pela crença. Somente a crença pode religar o homem com o que ele vê e ouve. (...) O certo que crer não significa mais crer em outro mundo, nem num mundo transformado. É apenas, simplesmente, crer no corpo. Restituir o discurso ao corpo, e, para tanto, atingir o corpo antes dos discursos, antes das palavras, antes de serem nomeadas as coisas: o “prenome”, e mesmo antes do prenome. (DELEUZE, 1990, p. 207-208).

Máquinas de ver deseja o canteiro de obras de um cinema-vínculo em uma educação menor. Gallo, no exercício de pensar uma educação menor a partir do conceito “literatura menor” criado por Deleuze e Guattari, pensa no professor militante que não é aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas que procura viver as situações e, dentro destas situações, produzir a possibilidade do novo.

Neste sentido o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma séria de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que estes alunos vivem, poderia, de dentro deste nível de miséria, de dentro destas possibilidades, buscar construir coletivamente. (GALLO, 2008, p. 61).

A miséria da educação do olhar é ver para representar, é conscientizar o ver. A miséria de um “cinema maior” é querer mostrar-representar o mundo e não a crença no mundo. A miséria da pedagogia é a pré-visão.

Máquinas de Ver quer operar dentro destas misérias em que estão crianças e adolescentes e jovens e adultos e idosos e alunos e professores e orientadores e orientandos e mestres e doutores.

Operar na miséria de uma Arqueologia do Cinema que concebe a invenção do cinema como a realização de um sonho (universal) em jornada múltipla, formada por uma multidão de aparelhos extremamente engenhosos, de imagens de uma variedade infinita de pesquisadores e charlatões.

O cinema é uma máquina de máquinas que reuni ciência, arte, brincadeira e espetáculo em um território que chamamos educação visual da memória. Esta educação, que também é das paixões, territorializa a visão e o pensamento na função de representação da imagem. Operar por desmanche é fazer vibrar a membrana da identidade cérebro-mundo e pôr em ação outras funções desta máquina feitas de máquinas e que opera máquinas, de imagem, o cinema.

Interjeições

Poderia interjeições ser resultados de pesquisa? Vamos nos valer do sim.

- Ele foi parar lá dentro. [câmera escura]
- Dá para ver cor!
- Nossa! Eu tô vendo!
- Não dá para contar para alguém.
- Parece mágica!

Se todos assistem a filmes, tiram fotografias e veem televisão e internet *Máquinas de Ver* pode instalar o impensado no pensamento?

Neste primeiro momento de pesquisa, o trabalho é de oficinas de experimentação com professores, pesquisadores e bolsistas do grupo de pesquisa. Nestas oficinas construímos e utilizamos os aparelhos óticos, conversamos sobre estas experiências de visualidade e compartilhamos os afetos que este movimento nos proporciona. Nosso objetivo é pensar ofertar oficinas a diversos públicos em diversos lugares. A natureza do projeto exige a manufatura, a brincadeira, o registro visual e sonoro de nossas operações de fabricar, de ver e pensar.

Os conhecimentos de como os aparelhos funcionam não minimizam o alumbramento que as experiências proporcionam. Neste sentido é que as interjeições começam a formar o material de pesquisa. Descobrimos que estamos propondo algo cuja potência ignoramos.

Referências

BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

DELEUZE, G. *A Imagem-Tempo*. Brasiliense: São Paulo, 1990.

GALLO, S. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.